

Indícios topofílicos dos moradores do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas (PESCAN) – Goiás: pressupostos para Educação Ambiental.

CORRÊA, Sandro Alves; OLIVEIRA, Sandra de Fátima; MARIN, Andréia Aparecida

e-mail - – sandro_bio@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A problemática acerca das questões ambientais tem conduzido a busca de novas formas de interação do ser humano com o ambiente. Nesta busca a Educação Ambiental (EA) surge como um dos pilares na construção de um ambiente sustentável e na mitigação, ou amenização, dos processos de degradação. Entretanto, os trabalhos em Educação Ambiental devem estar pautados na realidade local considerando o desenvolvimento histórico sobre o qual se constrói a relação do indivíduo com o lugar que habita.

É importante entendermos a relação entre a fundamentação histórica da interação do morador com o lugar, dos seus valores e conhecimentos sobre o meio, e os padrões comportamentais que apresentam com relação a ele. Quanto mais o lugar habitado reflete a identidade de seus habitantes, maior valoração lhe será atribuída, o que significa comportamentos de apropriação potencialmente conservacionistas. Adotaremos, ao longo do trabalho o termo topofilia para expressar essa ligação historicamente construída do ser humano com o lugar habitado.

No presente estudo procurou-se, através da percepção ambiental dos moradores do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas – Goiás, identificar indícios topofílicos sobre os quais é plausível o desenvolvimento de programas participativos de planejamento ambiental.

Fundamentos teóricos

O espaço é o resultado de um constante processo de apropriação do ser humano que nele reflete não somente suas necessidades imediatas de sobrevivência, mas também todo um modelo de valores e significados. É arquitetando essa teia de relações com os elementos do espaço que sua história se dá, o que resulta, muitas vezes, numa ligação intrínseca com o lugar em que esse espaço se transforma. De acordo com Bachelard (1993, p.24), “é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”.

Uma vertente da geografia humana adotou o termo *topofilia* citado por Bachelard (1993), na obra *A poética do espaço*, como “o espaço de nossa felicidade”. TUAN (1980), utilizando-o em obra homônima, foi quem talvez mais desenvolveu o conceito determinando-o como a forte ligação que o ser humano estabelece com seu meio. Para o autor, a compreensão da preferência ambiental de uma pessoa só é possível a partir do exame de sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos.

Essa ligação logicamente só se estabelece a partir das vivências historicamente experienciadas no espaço, de forma que, para entendê-la, é necessário conhecer a história cultural e a experiência no contexto da dimensão física do meio ambiente. De acordo com o mesmo autor, quando na posição de visitantes (turistas), as pessoas têm uma percepção fugaz reduzida à composição de quadros, com uma avaliação do ambiente essencialmente estética e superficial,

enquanto que o nativo tem uma atitude complexa derivada da imersão na totalidade de seu meio ambiente.

O conhecimento dessa relação histórica só é possível a partir de um aprofundamento significativo no estudo da percepção do ser humano em relação ao lugar habitado considerando a intrincada teia que envolve esse processo em sua complexidade. Este laço não se limita a simples construção de idéias e concepções acerca do ambiente, ele vai se enraizar nas subjetividades da relação sujeito-objeto, nos significados atribuídos ao lugar.

A percepção humana do ambiente, as experiências pessoais e as características culturais dos habitantes de cada lugar desempenham um papel fundamental na relação homem-ambiente e devem servir de ponto de partida para um planejamento urbano, regional, paisagístico e ambiental, que atenda às reais necessidades dos moradores dos diferentes locais (SERPA, 2001, p.1).

Existe uma estreita conexão entre a ligação subjetiva do sujeito com o ambiente e a construção de sua percepção deste ambiente, isto é, topofilia e percepção caminham em vias paralelas que se entrecruzam. De acordo com Marin (2003, p.33) "...a percepção é, a todo o momento, construída no momento presente em adição ao passado que não está absolutamente separado do primeiro". Bosi (1994) ressalta que as percepções não permanecem como fragmentos isolados da realidade histórica, de maneira que aos sentidos, que fornecem ao homem dados imediatos e presentes, se misturam vários detalhes do passado (memória). A memória tem a função prática de levar o sujeito a reproduzir comportamentos adequados a determinadas situações. Para Maciel (2000, p.11), "a constituição do espaço urbano é inseparável de um movimento de organização que impõe aos indivíduos e grupos um padrão comportamental". O autor considera que não é possível pensar o espaço habitado sem levar em conta o fato de que ele constitui-se no mesmo movimento em que se dá a organização social, e que esse movimento, por sua vez, é inseparável da memória.

Quando aceitamos a memória como um elemento de influência na percepção que o sujeito têm do seu ambiente, nos remetemos à dimensões deste fenômeno que não se limitam às vias racionais traduzidas em conceitos. O resgate dos processos historicamente vividos traz à tona significados do lugar, construídos a partir das vivências onde esteve mergulhado tal sujeito, o que resulta em interações nostálgicas que, antes de se resumirem a uma imersão romântica e idealista, provocam uma revisitação reveladora de valores e comportamentos com relação ao lugar habitado.

Esta memória aqui tratada não é, segundo Maciel (2000, p.15), uma "memória constituída de lembranças, ainda que as lembranças desempenhem um papel secundário". Na memória "o passado se repete no presente, seja pela via dos hábitos, seja pela via das funções que estendem estes hábitos, normatizando-os". Nas formas cotidianas de interação com o ambiente é que se mostra tais traços da memória, indicadores da identidade do grupo. São esses laços de identidade e suas manifestações a partir da dimensão afetiva que precisam ser reconhecidas quando são esperadas uma nova reflexividade e uma postura de compromisso com o futuro do lugar. Reflitamos nas palavras de Bachelard (1993, p.25): "Os verdadeiros bem-estares têm um passado [...] Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa". Revisitar o passado significa inevitavelmente reavivar no presente o encontro com o lugar habitado.

Segundo Kuhnlen (2001) a apropriação do espaço está baseada três fatores: a sensação de pertencimento ao lugar, a satisfação residencial relacionada a valorização ambiental e ao investimento afetivo na moradia e a situação coletiva de pertencer a um determinado grupo. Como consequência dessa apropriação o espaço adquire significados e valores que lhe conferem a característica de lugar. Segundo Machado (1996), o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra embora não haja limites precisos entre paisagens, espaço e lugar como fenômenos experienciados.

Assim, a partir dos estudos de percepção ambiental, aprofundando na relação topofílica do ser humano com o ambiente, que culmina na construção do lugar e lhe atribui valores e significados, pode-se criar estratégias para trabalhos efetivos que atinjam os verdadeiros pressupostos da Educação Ambiental.

A partir desse contexto teórico, pretendemos com este trabalho evidenciar a história da relação dos sujeitos com o espaço habitado – o entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas, tentando destacar elementos topofílicos que serão discutidos à luz da percepção ambiental, especialmente da relação memória-topofilia-hábitos construída a partir da base teórica citada, e apresentados como possíveis subsídios para ações de educação ambiental.

Fundamentos Metodológicos

A pesquisa está sendo realizada no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas e no município de Caldas Novas - Goiás desde janeiro de 2006. O trabalho é desenvolvido dentro do campo teórico da percepção fundamentada em uma abordagem fenomenológica. O método utilizado é a pesquisa participante, de acordo com Demo (1995) e Silva (1986). O instrumento para coleta de informações é o relato oral, na forma de depoimentos pessoais (QUEIROZ, 1988). As entrevistas são gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo, tendo a frase como unidade de registro e o enfoque temático para categorização (LÜDKE & ANDRÉ, 1986; RICHARDSON *et al*, 1999).

Apresentação dos dados

Participaram da pesquisa 30 atores, pequenos produtores rurais, que vivem no entorno do PESCAN. A grande maioria já morava na região, porém, em outras propriedades com os pais. É comum na região após o casamento o pai dar ao filho uma área (espaço) na qual ele poderá trabalhar e construir seu lugar.

As categorias foram construídas a partir das falas e recortadas para o contexto do presente trabalho a partir de sua relação direta ou indireta com o fenômeno da topofilia. Dessa forma, as duas primeiras dão a clara idéia de ligação afetiva com o lugar construída a partir das histórias de vida e as duas últimas trazem elementos do cotidiano e do modo de viver que reforçam a valoração do lugar habitado. Outras categorias ligadas à percepção foram criadas a partir dos depoimentos, como a consciência de preservação e os conceitos de desenvolvimento, mas não estão aqui discutidas por não estar diretamente ligadas ao foco de interesse do presente trabalho.

A análise dos depoimentos permite a construção das categorias apresentadas na tabela abaixo com os respectivos relatos.

Categorias	Recortes das falas
aversão a grandes centros urbanos e ligação com o ambiente rural	“Então eu acho que valeu a pena a gente ter nascido a uns anos atrás acho que hoje é mais perigoso a vida neh? Embora seja tudo mais fácil hoje. Mas não tá natural que nem era primeiro neh? Primeiro era coisa mais natural neh? (Sr. AJ)” “Eu agradeço a Deus ter nascido na roça e tá aqui até hoje. Se eu vo na cidade um poquinho cabo minhas obrigação e to doidinho pra ir embora.(Sr.AJ)”
vivências de outras realidades e valorização do modo de viver local	“...eu já tentei a vida em outro lugar mas num gostei não. Já fui até pro Pará a fora mas num gostei não e vortei pra cá. (Sr.AMG)” “Era aquela coisa original mesmo, era forte a terra, não tinha doença, hoje não, tudo que ce colhe é através de inseticida. (Sr.AJ)” “...a tarde as vez, na fazenda sempre tinha agregado um casal tinha as vez uma porção de filho e tava ali a noite sentava num banco lá e ia contá história, passa anel, não sei se ce sabe disso neh? Ali até chega a hora da gente ir dormi neh! Então é uma vida simples, mas é bão! (Sr.AJ)”
contato com a natureza e seus elementos significativos (mato, água, animais, etc.)	“A gente acostumada no mato, parece que a gente livre é outra coisa. (Sr.AMG)” “Eu....ah!! eu gosto de conviver com tudo aqui com as criação a água que é muito pura neh! Saudável, natural mesmo, tudo aqui eu acho bom! (Sr. AJ)”
qualidade de vida e espírito comunitário	“A coisa que eu acho bão aqui é que o povo daqui são muito bom neh! (Sr.ANT)” “Eu so feliz graças a Deus do jeito que eu so aqui mesmo, não tem que atrapaia não, é bom mesmo! Num ve um roubo, é bom demais! Sr. AMG)” “...sobrava tempo pra passear na casa dos vizinho, dos parente, ce podia ir no fim de semana e posar pra lá tranqüilo (Sr. AJ)”

As categorias identificadas nos relatos demonstram a sensação de pertencimento e valorização dos atores em relação ao lugar que habitam. A aversão aos centros urbanos se constrói pela perda de referenciais, de valores culturais e de qualidade de vida.

Além disso, os impactos provocados pelos grandes monopólios agrícolas ultrapassam as fronteiras de um ambiente físico e tem repercussões sociais. Este processo vem dificultando a permanência nos campos e a luta dos pequenos proprietários para permanecer em seu lugar é intensa. Assim, os projetos de desenvolvimento, dentre os quais se inserem os projetos em EA, devem estar pautados na realidade local por vários motivos, dentre os quais destacam-se “o respeito à cultura e a forma de vida destas populações” e “pela maior eficácia e amplitude que se pode atingir quando este universo é considerado na elaboração de programas participativos de planejamento ambiental e desenvolvimento local”.

Referências Bibliográficas:

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

- KUHNEN, A. **Representações sociais de meio ambiente – estudo das transformações, apropriações de modos de vida na Lagoa da Conceição.** Florianópolis/SC: UFSC, 2000. Tese de doutoramento.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, L. M. C. P. - Paisagem valorizada - a Serra do Mar como espaço e como lugar. in **Percepção Ambiental - A Experiência Brasileira**, Organizadores Vicente Del Rio e Livia de Oliveira, Ed. Nobel - UFSCar, 1996. P. 97-120
- MACIEL, A. Normadização dos espaços urbanos. In: COSTA, I.T.M.; GONDAR, J. (orgs) **Memória e espaço.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.
- MARIN, A.A. **Percepção ambiental e imaginário dos moradores de Jardim/MS.** São Carlos: UFSCar, 2003. Tese de doutorado.
- QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von SIMSON, O.R.de M. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).** São Paulo: Vértice, 1988.
- RICHARDSON, R.J.; SOUZA PERES, J.A. *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.
- SERPA, A. **Percepção e Fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos de intervenções no lugar.** Olam – Ciência e Tecnologia, nº 2, p.29-61, 2001.
- SILVA, M.O.S. **Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina.** São Paulo: Cortez, 1986.
- TUAN, Y.F.) **Topofilia.** São Paulo, Ed. Difel, 1980.